

Teo Lite rária



Arquivo enviado em
02/05/2017
e aprovado em
25/06/2017.

V. 7 - N. 13 - 2017

* Professor Livre Docente
na área de Teologia do
Programa de Pós-Graduação
em Teologia da PUC PR.

E-mail: alex.boas@pucpr.br

** Graduada em Filosofia
(UNISO) e Teologia
(Instituto de Teologia
João Paulo II), Especialista
em Religião e Cultura
pelo Centro Universitário
UNIFAI e Especialista em
Espiritualidade Cristã e
Orientação Espiritual pela
Faculdade de Filosofia e
Teologia dos Jesuítas (FAJE).

E professora no Instituto
de Teologia João Paulo
II de Sorocaba. E-mail:
dacs.teos@gmail.com.

Patativa do Assaré, teologia e literatura latino americana à maneira do povo

The People's way of Latin American
Theology and Literature

*Alex Villas Boas **

*Darlene Aparecida Campos Silva***

Resumo

O presente artigo visa analisar como a poética patativiana é propícia e, em si, constitui um exercício de ressignificação da Tradição católica em sintonia com a tarefa Conciliar do Vaticano II de atualizar o sentido e o significado da mensagem cristão ao mundo contemporâneo, “à luz do Evangelho e da experiência humana” (Gaudium et Spes, 46). Para tanto se elege o método antropológico para uma análise comparada entre a semântica teológica e a semântica literária patativiana, dentro daquilo que se chamou de teopatodiceia, como análise do sentido de Deus na busca de sentido humano e seu desdobramento na construção de um outro humano. Há uma teologia rica, profunda e clara na obra poética de Antonio Gonçalves da Silva, o Patativa do Assaré sob a forma de teopoética. Em seus rústicos poemas, se desvela um novo olhar sobre o lugar e o papel de Deus no sofrimento humano, no qual revela-se o divino, na constante dinâmica graça-natureza, sendo defendido pelo olhar agudo do matuto sem escola, que vai pela fé e pela poesia, com a maestria de um douto, fazendo a páscoa do homem rude do sertão cearense para a doçura e o amargor do vivente que se encanta e sofre as cotidianidades da vida simples.

Palavras-chave: Teologia e Literatura; Patativa do Assaré; Poesia; Cultura Popular; Teopoética.

Abstract

This paper aims to analyze “Patativa do Assaré” poetics is and how it constitutes itself as an exercise of resignification of the Catholic tradition in line with the task to reconcile Vatican II and to update the meaning and significance of the Christian message to the contemporary world, “in the light of the Gospel and of human experience” (Gaudium et Spes, 46). In both scenarios this work elects the anthropological method to a comparative analysis between the theological and the Patativa’s literature semantics. Therefore it is considered what is called “teopatodiceia”, as analysis of the sense of God in search of human sense and its outgrowth in the construction of another human. There is a rich, deep and clear theology on Patativa do Assaré’s poetic work in the form of teopoethic. His rustic poems unveils a new look about the place and the role of God in human suffering, in what proves to be the divine, the constant dynamic free-nature, defended by the ingenious observation of an unschooled rustic man, guided by faith and by poetry, with the mastery of a lettered man, making the Easter from the rude’s man Ceará agrestic for the living bittersweet of who are enchanted and suffer with the ordinariness of simple life.

Keywords: Theology and literature; Patativa do Assaré; Poetry; Popular Culture; Teopoethic.

INTRODUÇÃO

Que não se vá procurando revelações impressionantes, fatos novos na vida do maior poeta popular do País, ou ainda fluxos antes inexplicados da produção literária de Patativa. Até porque se trata de um dos personagens mais entrevistados pela imprensa cearense, transformado em centro importante de retrato, estudo e análise de pesquisadores, livros, biografias e reportagens Brasil afora (O Povo, 23/11/2000).

Esta citação do jornalista Rodrigo de Almeida publicada no jornal cearense “O Povo”, expressa a fama deste poeta popular brasileiro, Antônio Gonçalves da Silva (1909-2002), nascido em Assaré-CE, e reconhecido por seu povo como quem faz poemas tão bons de se ouvir como a beleza dos cantos dos pássaros patativas, de onde vem

seu “singelo apelido”, como marca de sua missão (Autobiografia, 1991). E se como diz na sabedoria popular brasileira, se “quem canta os males espanta”, os poemas de Patativa visão afastar os males da injustiça social de seu povo. Esta “eminente personalidade” cearense, como se dirige a ele a Universidade Federal do Ceará ao lhe outorgar o título honorífico de “Doutor Honoris Causa”, ao lado de outros grandes nomes da história do país, como Ariano Suassuna, Celso Furtado, Florestan Fernandes, Dom Hélder Câmara, Dom Aloisio Lorscheider, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Gilberto Freire entre outros igualmente reconhecidos pela instituição (UFC, 1999), infelizmente ainda desconhecido em grande medida em diversos espaços, quer seja pela teologia, quer seja pela literatura, do próprio território brasileiro, apesar de ter sua obra traduzida para o italiano, ter sido objeto de pesquisa em alguns centros acadêmicos da França, Inglaterra, Portugal e do Brasil e ainda ter recebido o Prêmio de Mérito Cultural do Ministério da Cultura do Governo brasileiro (MANZATTO; TAVARES, 2014: 249).

1. Considerações epistemológicas e metodológicas sobre a teopoética patativiana

A poética patativiana, a despeito do pouco reconhecimento que tem em relação a nomes consagrados em mercados editoriais, é um exemplo de como a literatura é capaz de manter o diálogo com a teologia latino-americana, “comprometida social e politicamente com os mais pobres da sociedade” ao convergirem para um horizonte de libertação, ambas como formas de “compromisso com as transformações históricas da sociedade”, a partir de uma opção pelos pobres (MANZATTO, 2012: 74-75). Nesse sentido também a tal poética é capaz de ser endereçada dentro de uma “teologia da cultura como teologia política que tem como locus teológico o pobre”, e como arché, em um segundo momento de amadurecimento epistemológico da teologia da libertação, um retorno a filosofia da alteridade, ou seja, fazer teologia com os pobres e desde suas perspectivas, suas “alegrias e tristezas, angústias e esperanças

(*Gaudium et Spes*[GS], 1)” (VILLAS BOAS, 2016b: 782). Em *Patativa do Assaré*, há uma poética como busca de sentido, da qual o sentido de Deus emerge dessa subjetividade em sua condição de pobre e com seus irmãos pobres, se desdobra uma responsabilidade ética de falar em nome de suas dores, como sinal de esperança (VILLAS BOAS, 2016a: 162).

Ainda vale dizer que na condição de produtora de sentido, a obra patativiana se insere na dinâmica da cultura, tanto como recepção criativa de uma teologia conciliar contextualizada, ou seja, forma poética da teologia presente na religiosidade popular (VILLAS BOAS, 2014: 45-70), como pode ser lida em um exercício de “reconhecer a presença de Deus escondida em todas as figuras do mundo” (KUSCHEL apud MANZATTO, 2012: 210), ambas formas de desvelamento daquilo que se chamou de Revelação, como semântica do Mistério sob a forma de pensamento poético teológico, que se volta muito mais para a experiência vivida como soteriológica sob o signo da fé que se desvela diante do texto, próxima a poíesis das Escrituras cristãs: “A fé é uma profissão de confiança em Deus, no meio do desespero existencial, como possibilidade de acolher o reino que vem”, superando a “tendência para o uso de uma linguagem formal e abstrata e para a cisão entre a soteriologia bíblica e a especulação trinitária”. Aquilo que Félix Pastor atribui a transição da linguagem teológica da na teologia patrística ajuda a iluminar o contexto e a pertinência da teopoética: Na Igreja Antiga, a fé na salvação implicava uma doutrina trinitária; depois de Agostinho, a ortodoxia trinitária é exigência para salvação” (PASTOR, 1982: 11; 56-57).

Com isso, a pesquisa em teopoética é uma forma de recuperar a dinâmica fé-vida pela dinâmica mimético-poética da literatura em sua capacidade de desvelamento do sentido soteriológico da experiência de um povo sofrido que descobre uma fé significativa em um Deus presente na realidade de seu povo, um Pai que ama e deseja a justiça de todos, especialmente dos mais pobres [mais significativo que “Deus Pai todo poderoso”], do Filho que anuncia a esperança da mudança pela fraterni-

dade e presença do Reino [mais significativo “Jesus Cristo, filho único de Deus”] pelo Espírito, que ensina a ser comunidade militante na fé pela justiça a favor da vida dos pequenos [mais significativo que a “Terceira Pessoa da Santíssima Trindade”]. Não se trata de abandono do significado da gramática da Ortodoxia, e nem de mera mudança sintática, mas de ressignificação da vida, por uma apropriação de sentido da semântica do Mistério, por meio de um novo modo de pensar a saber, a diferença da epísteme pela poiésis, no qual a dinâmica literária permite o leitor/ouvinte se entender diante do texto e provocar nova inspiração, manifestando seu sentido dentro de um evento epifânico, uma metáfora viva na expressão de Ricoeur, que enquanto metáfora se apresenta como que em espelho e enquanto viva, solicita totalidade de quem se antepõe em frente da imagem poética, ou seja, solicita, através da percepção de sentido [logos], também a sensibilidade [pathos] e a dimensão da consciência ética inerente [práxis] que solicita uma resposta.

Há uma analogia da experiência na imagem, convergindo o “sensorial” e o “figurativo” como elementos cognitivos da experiência, sob a forma imagética da metáfora, do símbolo ou do mito. A imagem poética advém ao poeta de uma síntese imaginativa no momento da vivência ou da percepção dessa vivência. Nesta está contida a ideia a ser comunicada na imagem, como um “ornamento” da substância, que é condição de possibilidade da comunicação. Na linguagem poética, portanto, a forma não está dissociada da essência como mera informação; antes, é performativa e de caráter intuitivo [...], um convite a uma trajetória, um caminho que o leitor deve tomar se quiser compreender, ou seja, “apreender junto” (VILLAS BOAS; GRENZER, 2015: 133)

Tal qual a Escritura cresce com seu leitor (MENDONÇA, 2015: 57), o mesmo vale para uma Tradição teológica, que permite se conservar renovando, na medida em que a lógica poética permite recuperar o sentido mais originário da fórmula ao oferecer uma imagem poética que des-vela a vivência soteriológica da fé, seduzindo por sua profundidade que ecoa na interioridade humana e inspirando para uma dinamização

da ação em procura dessa correspondência/coerência de sentido. A literatura supera assim ajuda a “recuperar a consciência da lógica poética da Revelação”, e assim, superar o abstracionismo formal e seu risco inerente de ser mera “logologia” (VILLAS BOAS, 2016a: 13; MANZATTO, 1994: 40-41). A ressignificação não é ruptura com a semântica do Mistério acumulada pelas Tradições eclesiais cristãs, mas como exercício de hermenêutica da Tradição teológica, que elucida as escolhas teológicas que as Tradições eclesiais fizeram em cada contexto. Na Tradição católica, a ressignificação teológica é uma tarefa apresentada pelo Concílio Vaticano II, uma “nova forma de sondar o Mistério de Deus”, na qual

os teólogos são convidados a buscar constantemente, de acordo com os métodos e exigências próprias do conhecimento teológico, a forma mais adequada de comunicar a doutrina aos homens do seu tempo; porque uma coisa é o depósito da fé ou as suas verdades, outra o modo como elas se enunciam, sempre, porém, com o mesmo sentido e significado (GS 62).

Ademais, tal tarefa de atualizar o sentido e o significado da mensagem cristã ao mundo contemporâneo deve se dar “à luz do Evangelho e da experiência humana” (GS 46), sendo estas uma das contribuições do diálogo entre Teologia e Literatura, uma relação analógica entre o sentido da fé e as experiências vividas, a fim de propiciar um percurso de reconhecimento, que une inclusive teologia clássica e contemporânea, ao ter a mesma finalidade ao constatar que as experiências de sentido da vida, expressas em gêneros literários, “a isso chamamos Deus” [hoc dicimus Deum] (Suma Teológica, I, q.2., art.3). Teologia e Literatura é, dentro dessa dinâmica própria de uma lógica poética, uma forma privilegiada de manifestar a pertinência entre teologia e vida:

A proposta de que o humano manifestado pela literatura, real ou possível, seja relacionado com a Revelação de Deus no evento Jesus, me parece um procedimento bastante adequado quando se trata de elaborar uma reflexão teológica em ambiente cristão. Desta maneira, o diálogo entre literatura e teologia não é apenas possível e interessante, mas chega a ser necessário para

se compreender a Revelação pois auxilia na compreensão de formas possíveis de vivência do seguimento de Jesus na atualidade (MANZATTO, 2012: 212).

Por fim, no que toca ao debate epistemológico entre teologia e literatura, como forma hermenêutica da relação entre teologia e vida, cabe aquilo que fora chamado de teopatodiceia, enquanto a questão do sentido de Deus emerge de um caminho de busca de sentido no qual, essa busca, constitui o logos investigativo da teologia que confere sentido dinamizador a uma produção de subjetividade responsável ética e socialmente como desdobramento do inerente seguimento do acolhimento da palavra evangélica, rompendo assim com as tentações de teodiceia nas Tradições eclesiais e culturas religiosas. Patativa em sua sensibilidade poética tem o mesmo ponto de partida da teologia contemporânea, um a priori que não reside em sistema rígido de pensamento, mas no fatídico e sua reminiscência afetiva que emerge do sofrida vida nordestina:

O ponto de partida da consciência teológica, e naturalmente filosófica, é a “experiência fática da vida”. Nesse fatídico da vida os fatos deixam uma reminiscência que o ser humano é capaz de não somente captar, como tal reminiscência é determinante a sua capacidade de entender a vida e a sua existência (VILLAS BOAS, 2014: 140).

Há na obra do Poeta de Assaré um novo olhar sobre o lugar e o papel de Deus no sofrimento humano, diferente da mentalidade religiosa vigente de sua época, que soube perceber que a causa das misérias não poderia partir de Deus, este que é fonte de força e esperança para os pobres, e sim dos desmandos humanos. Sobre isso, dialoga com seu leitor, não formalmente, mas apresentando seu pensamento e permitindo que a reflexão do interlocutor aconteça, permite que Deus se desvele pela “história que a palavra narra” (VILLAS BOAS, 2014: 146), motivo pelo qual se decidiu oferecer ao leitor deste trabalho, a presença de alguns poemas na íntegra, caso, porventura, o qual poderá ainda não ter tido contato com a obra patativiana, oportunidade para dela se aproximar, e

com isso melhor se apropriar de uma poética que promove por meio da ressignificação religiosa de sua cultura a construção de um ser humano, “o poeta que se fez verbo para se fazer homem” (CARVALHO, 2002: 15).

2. A teologia do homem simples:

Antropologia poético-teológico patativiana

Há na poesia teológica de Patativa do Assaré uma teologia do homem simples, pelo qual o poeta identifica o núcleo cristológico da semântica cristã que dinamiza a práxis pela qual opera a construção de um novo ser humano, o ser humano nordestino que faz a páscoa da resignação para a esperança da luta.

Sua lógica poética tem os traços da encarnação do logos que assume a história do sertão cearense, reproduzindo o entorno do cotidiano com seus elementos e sujeitos da vida “real”, seja retratando sua própria realidade, seja de seus filhos, seja dos demais sertanejos e suas vidas de trabalhador na terra ressequida. Do interior desse mundo concreto, é que a ele se revelava um sentido maior de viver, e que ia se construindo numa poética pela qual o silêncio e doloroso questionamento do sentido da vida se transignifica em diálogo constante com Deus, amigo de luta e fonte de esperança, em que suas palavras trazem às claras aquilo/Aquele pelo qual que se tornou e o que desejava ver transformado, doando uma nova lógica existencial. Sua poesia faz do Evangelho um caminho possível de sentido, no qual o sentido da própria vida está em dar sentido à vida do sertão cearense, no qual também se esconde o Mistério da Vida (VILLAS BOAS, 2014:141).

A poesia de Patativa, profeticamente, faz da Palavra a encarnação de novos caminhos, como se fossem fios que tecem o resultado de muitas relações e contatos, fazendo surgir, como um pano urdido nos teares artesanais do nordeste, muitas cores e formas, panos que tanto

aquecem como enfeitam, tanto cobrem a vida como a morte!

A condição de sua poética se situa de dentro da condição sofredora do ser humano, na qual sofre-a e empenha sua existência na oferta de seus dons para denunciar uma situação retirando das “costas” de Deus a pecha de ser o autor de tais mazelas. Isso aparece claramente no poema “A Morte de Nanã” (1970), relacionando a Paixão e Morte do Filho com a morte prematura de uma pequena menina, considerado o mais triste de seus poemas. Escreveu-o na linguagem matuta, e em exercício de alteridade ao falar como se fosse o próprio pai da criança que falece por inanição na dura seca que abateu a Serra de Santana no ano de 1932. Na realidade, o poeta retratou a morte da filha de um conhecido seu, porém, além de um retrato dolorido da pobreza em que vive o amigo sertanejo, denuncia a condição de seu povo que, quando tem o que comer, só come “o feijão, o milho e a farinha” (FIGUEIREDO FILHO, 2010: 98).

O poema mostra também na alegria de quem só tem os filhos por riqueza maior, como Deus Pai, quer a vida plena dos seus, e assim refere-se o poeta e Deus no lugar de um pai que se alegra com seu grande tesouro, a menina Nanã e também demonstra com todas as “cores” sua dor ao perdê-la. É, contudo, pelos versos da história de Nanã vai narrando, compondo um quadro de pobreza e angústia de quando a seca chega, em nenhum momento Deus é interpelado por esse pai aflito. Ele sabe que seu patrão não quis dividir a parca produção e isso lhe custou a vida da filha bem amada. A morte de Nanã fala da morte de muitas crianças, da dor de muitos pais e, assim sendo, pode nos falar da morte do Filho Amado e do Pai que só quer o melhor para todos os seus filhos, mas culpa da ganância que mata sem piedade e sem remorso: “E a culpa não é de Deus/A culpa é dos home rico”. Quando tudo se consuma, a noite escura dá lugar a uma triste aurora, os pássaros vem cantar um

bendito... Nada há que se fazer, assim se dá a morte da pequenina. Seu poema é árido, forte, dolorido. Tem cores escuras e até cheiro de morte. O pai está ao lado da mãe, no Gólgota!

A morte de Nanã

Eu vou contá uma história
Que eu não sei como comece,
Pruquê meu coração chora,
A dô no meu peito cresce,
Omenta o meu sofrimento
E fico uvindo o lamento
De minha arma dilurida,
Pois é bem triste a sentença
De quem perdeu na isistença
O que mais amou na vida.

Já tou veio, acabrunhado,
Mas inriba dêste chão,
Fui o mais afurtunado
De todos fios de Adão.
Dentro da minha pobreza,
Eu tinha grande riqueza:
Era uma querida fia,
Porém morreu muito nova.
Foi sacudida na cova
Com seis ano e doze dia.

[...]

Pelo terrêro corria,
Sempre sirrindo e cantando,
Era lutrida e sadia,
Pois, mesmo se alimentando
Com feijão, mio e farinha,
Era gorda, bem gordinha
Minha querida Nanã,
Tão gorda que reluzia.
O seu corpo parecia
Uma banana-maçã.

[...]

Mas, neste mundo de Cristo,
Pobre não pode gozá.
Eu, quando me lembro disto,
Dá vontade de chorá.
Quando há seca no sertão,

Ao pobre farta feijão,
Farinha, mio e arrôis.
Foi isso o que aconteceu:
A minha fia morreu,
Na seca de trinta e dois.

Vendo que não havia inverno,
O meu patrão, um tirano,
Sem temê Deus nem o inferno,
Me deixou no desengano,
Sem nada mais me arranjà.
Teve que se alimentá
Minha querida Nanã,
No mais penoso martrato,
Comendo caça do mato
E goma de mucunã.

[...]

E, numa noite de agosto,
Noite escura e sem lua,
Eu vi crescê meu desgosto,
Eu vi crescê meu pená.
Naquela noite, a criança
Se achava sem esperança
E quando vêi o rompê
Da linha e risonha orora,
Fartava bem pôcas hora
Pra minha Nanã morrê.

[...]

Eum vez de gemido e choro,
As ave cantava em coro.
Era o bendito prefeito
Da morte de meu anjinho.
Nunca mais os passarinho
Cântaro daquele jeito.

Nanã foi, naquele dia
A Jesus mostrá seu riso
E omentá mais a quantia
Dos anjo do Paraíso.
Na minha maginação,
Caço e não acho expressão
Pra dizê como é que fico,
Pensando naquele adeus
E a curpa não é de Deus,
A curpa é dos home rico.

[...]

Saluçando, pensativo,
Sem consôlo e sem assunto,
Eu sinto que ainda tou vivo,
Mas meu jeito é de defunto.
Invorvido na triteza,
No meu rancho de pobreza,
Toda vez que eu vou rezá,
Com meus juêio no chão,
Peço em minhas oração:
Naná, venha me buscá!

É possível identificar como Patativa traz ao leitor a possibilidade de recriar, reelaborar e ressignificar às formas, de atribuir sentido aos eventos, enfim, a realidade. Ele é tão sertanejo quanto seus conterrâneos, tão sofrido como eles, porém do discurso religioso que aceita a seca e a pobreza como “vontade de Deus” ele não compartilha. Apresenta a boa nova da presença amorosa de um Pai que acompanha o homem em suas angústias e quer fortalecê-lo para superar esses momentos e reconstruir-se como ser humano.

Patativa aborda o pobre e a pobreza, tanto como um mal produzido pela exploração, desigualdade e injustiça social, como pela visão do pobre que não tem meios para suprir suas mais básicas necessidades, aquele pobre que não se entende com direitos de participar do sistema social e ao qual a educação é negada, transformando-o em mais um elemento de uma massa extremamente vulnerável à manipulação de interesses econômicos e políticos. Assim, poetiza em “O Poeta da Roça” (1956), no qual conta de si mesmo e da sua pouca “sabença”, o que não o impede de ver e compartilhar das dores dos mais oprimidos. Nesse sentido podemos afirmar que, o poeta do Assaré é um vanguardista da Teologia da Libertação, que tendo o pobre como “lugar teológico” trouxe uma dinâmica nova para o pensamento acerca dos projetos de Deus para o mundo em que vivemos. Lugar de onde “cantas as verdade das

Coisa do Norte”.

O Poeta da Roça

Sou fio das mata, cantô da mão grossa,
Trabáio na roça, de inverno e de estio.
A minha chupana é tapada de barro,
Só fumo cigarro de páia de mío.

Sou poeta das brenha, não faço o papé
De argum menestré, ou errante cantô
Que veve vagando, com sua viola,
Cantando, pachola, à percura de amô.

Não tenho sabença, pois nunca estudei,
Apenas eu sei o meu nome assiná.
Meu pai, coitadinho! vivia sem cobre,
E o fio do pobre não pode estudá.

Meu verso rastêro, singelo e sem graça,
Não entra na praça, no rico salão,
Meu verso só entra no campo e na roça
Nas pobre paiouça, da serra ao sertão.

Só canto o buliço da vida apertada,
Da lida pesada, das roça e dos eito.
E às vez, recordando a feliz mocidade,
Canto uma sodade que mora em meu peito.

Eu canto o cabôco com suas caçada,
Nas noite assombrada que tudo apavora,
Por dentro da mata, com tanta corage
Topando as visage chamada caipora.

Eu canto o vaquêro vestido de côro,
Brigando com o tôro no mato fechado,
Que pega na ponta do brabo novio,
Ganhando lugio do dono do gado.

Eu canto o mendigo de sujo farrapo,
Coberto de trapo e mochila na mão,
Que chora pedindo o socorro dos home,
E tomba de fome, sem casa e sem pão.

E assim, sem cobiça dos cofre luzente,
Eu vivo contente e feliz com a sorte,
Morando no campo, sem vê a cidade,
Cantando as verdade das coisa do Norte.

Neste lugar, a resposta que o poeta dá às questões que a vida lhe apresentou e que no seu fazer poético foi trazendo à tona uma obra repleta de significado, espelho de uma existência com sentido, como apresentam as próprias palavras do poeta que o auto-definem:

GC – Você sabe o que seu público gosta? Você se preocupa em agradar o seu público?

PA – É, eu me preocupo em agradar o meu público com muito carinho, com muita atenção. Outra, que eu sou o artista mais humilde de todos os artistas que já existiram! Poderá haver um igual a mim, mas mais do que eu, na humildade, na simplicidade, não tem! Porque eu posso estar em qualquer um ponto, numa roda assim de chapeado, de...ajudante de carro. Todo esse povo vem dar comigo:

- O Senhor é que é o Seu Patativa?

Eu digo:

- Sou, sim!

- Recita aí uns poemas pra nós, umas poesias!

Ali, no lugar que ele pediu, eu recito, viu? Eu sou o poeta do engraxate, do chapeado, do ajudante de carro, do dono do carro e do doutor, quando ele quer. Comigo não há distinção! Sempre fui assim e hei de ser. Sabe por quê? Porque meu julgamento é diferente de muitos. Eu num tenho vaidade com essas coisas. Foi Deus que me deu, num é meu, num fui eu que criei! Foi a natureza que me legou. Então se os filhos do chapeado têm o mesmo direito de me escutar e gostar do que eu digo, com os mesmos direito que têm os filhos do doutor, num é? Num é? Num é a mesma coisa? (...) É o mau exemplo dos outros artistas. Mas é porque eles não sabem ver as coisas. Olhe, toda capacidade, menino, principalmente dessa... na cultura, vem da mesma fonte de sabedoria. É o mesmo método, é o mesmo professor. (...) Aí, criei aquele poema, “O Sabiá Vaidoso”, não é? Não é? Você já viu no meu livro? (CARVALHO, 2002: 115-116)

A autoconsciência de sua teopoética se manifesta na proclamação da dignidade de filhos de Deus para todos, uma consciência de dom [“Foi Deus que me deu, num é meu, num fui eu que criei!”] a serviço dos mais pobres [“os filhos do chapeado têm o mesmo direito de me escutar e gostar do que eu digo, com os mesmos direito que têm os filhos do doutor”], que tem igual dignidade [Num é a mesma coisa?]. Enquanto

dom, faz da poesia missão é não motivo de vaidade, por isso em sua simplicidade, “pobre de harmonia”, mas “muito rico de filosofia”, poetizar para cuidar dos pequeninos, os “filhotinhos”, ajudando a pensar o que vive, e colocando à serviço a poesia que se desvelou na própria vida: quem me ensinou foi Deus!

O SABIÁ VAIDOSO

(Aos artistas vaidosos)

O sabiá vaidoso do seu canto
se julgava um maestro quase santo
e de todas as aves a primeira.
Na linda copa de uma laranjeira
Seu gorjeio, repleto de doçura,
dispertava saudade, amor, ternura.
De orgulhoso e vaidoso, ele pensava
que o mundo inteiro a ele se curvava.
Com a força vibrante de harmonia
novas notas criou naquele dia.

Um simples passarinho, uma avezinha,
Que nem sequer um nome tinha,
por direito que assiste aos passarinhos
naquela copa fez também seu ninho e modesto, com
muita singeleza,
obedecendo à sábia natureza,
cheio de vida o seu biquinho abriu:
Piu-piu, piu-piu-piu!
Piu-piu, piu-piu-piu!
Piu-piu, piu-piu-piu!

O sabiá, se achando enfurecido,
para ele falou: ‘Seu atrevido!
Com esse canto que soltaste agora,
tu desvirtuas a minha voz sonora.
Com a tua cantiga dissonante,
tu não passa de um bicho ignorante!
Eu não quero perto de mim.
Quem te ensinou cantar tão feio assim?’

E o passarinho pobre de harmonia,
mas muito rico de filosofia,
logo a resposta o sabiá ouviu:
‘Esse meu canto, piu-piu, piu-piu-piu!
que o destino fiel me permitiu
para ninar os filhotinhos meus,
seu sabiá, quem me ensinou foi Deus!’”

A poética patativiana não é somente encarnada no sertão, mas o próprio Cristo se encarna em seu imaginário, pois “Jesus foi sertanejo” do qual os sinais da sua presença se manifestam em abertura aos sinais que seus poemas proclamam “escutando a voz de Deus/No canto da passarada”. É porque o Verbo se fez sertanejo que a vida tem sentido, mesmo na mais triste penúria do sertão, e ali provoca desejo de rezar, de viver com alegria e de justiça, com consciência de responsabilidade pela vida que Deus criou:

O RETRATO DO SERTÃO

Se o poeta marinheiro
Canta as belezas do mar,
Como poeta roceiro
Quero o meu sertão cantar.
Com respeito e com carinho,
Meu abrigo, meu cantinho,
Onde viveram meus pais.
O mais puro amor dedico
Ao meu sertão caro e rico,
De beleza naturais.

[...]

Se por capricho da sorte,
Eu sertanejo nasci,
Até chegar minha morte
Eu hei de viver aqui,
Sempre humilde e paciente
Vendo o sol nascer ardente
E a lua prateada,
Os belos encantos seus
E escutando a voz de Deus
No canto da passarada.

[...]

Que prazer! Que grande gozo,
Que bela e doce emoção,
Ouvir o canto saudoso
Do galo do meu sertão,
Na risonha madrugada
De uma noite enluarada!
A gente sente um desejo,
Um desejo de rezar

E nesta prece jurar
Que Jesus foi sertanejo.

[...]

Meu sertão da sariema,
Sertão queimado do sol,
Que não conhece cinema,
Teatro, nem futebol,
Sertão da doença e fome
Onde o pobre assina o nome
Com uma pena na mão,
Para, enganado e inocente,
Dar um voto inconsciente
Quando é tempo de eleição.[...]

Patativa, assim como seus poemas, nasce pobres e vive como os pobres de Assaré, microregião denominada Serrana de Caririáçu, soube ler sua realidade e dela fazer dela seu tema. Poeta do sertão, “caboclo da mão grossa” e de coração afinado. Seu olhar lhe trouxe mais que observações estáticas, aperfeiçoou-o na “estética do sentido”, uma imagética que permite tematizar a existência humana, apesar de toda sua carga dramática, é um meio com o qual se procura dar uma significação que busca razões para ordenar a vida:

O sentido que se esconde nos acontecimentos não é dado por ele, mas apreendido pelo sujeito e configurado em sua própria história. (...) A pergunta pelo sentido que a vida lhe faz, é que permite ao ser humano “ser” propriamente “humano”, ou seja, escolher o seu “modo de ser” humano, abrindo-se para ele a possibilidade de conhecimento ou de maior conhecimento das coisas, que mudam, porque mudam-se os modos de lidar com elas e, conseqüentemente as ideias que se tem sobre elas. Logo, as coisas não são ou não coincidem com as ideias que delas se faz, mas são, sim, aquilo que se atribui a partir do que delas se descobre (VILLAS BOAS, 2011: 55; 61-62).

Aos vinte e cinco anos se casou com Belarmina Gonçalves. Foi pai de nove filhos: Geraldo, Raimundo, Afonso, João, Pedro, Maroni, Inez,

Miriam e Lúcia. Criou-os trabalhando como lavrador em terreno que seu pai lhe havia deixado. Não viveu do que escreveu com tamanha maestria. Pagou professora para ensinar os filhos a escrita e a leitura, o que o governo não lhe dava fazia acontecer, entendia que o analfabetismo é um mal muito grande por aqueles fundões de sertão, quis poupar seus filhos de tal desgraça! Sua consciência teológica de poeta permite ler o “Livro da Natureza”. O forte senso de compaixão pelos animais, pela natureza e o fazer-se um com seu povo sofrido, são temas recorrentes nos poemas deste humilde homem, teve apenas alguns meses na escola primária, pouco aprendeu na pedagogia oficial, mas na escola da vida é doutor, como diz em alguma outra poesia. Sua obra é uma verdadeira “dialética do diálogo” (ANDRADE, 2004: 4), mostra ao leitor/ouvinte seu sentimento e o sentido que consegue dar ao seu entorno. Aponta-nos uma realidade visível ao poeta que descortina assim um universo novo a quem lhe der ouvidos e atenção. Não violenta ou impõe, fala de si e da sua sensibilidade. Patativa sempre consegue emocionar, toca o mais humano em nós e por isso seus versos projetam o homem que se tornou. Partindo de uma compreensão heideggeriana, que o poeta é “aquele que funda o ser com sua palavra” e assim projeta, antecipando o vir a ser, para adiante aquilo que ainda não é. No seu fazer poético Patativa expõe o seu ser intenso, aquele matuto que consegue ouvir “a voz do Divino Mestre” a falar-lhe por dentro, enfrenta agruras, como todo ser humano, e consegue descobrir um sentido para aquilo tudo. Põe-se ao lado de outro “prisioneiro”, unindo sua dor a dor alheia consegue sentir com este. Fala de algo mais íntimo, o estar como estrangeiro, afastado daquilo que chama “meu paraíso”, sente que isso o angustia e aí sua desordem pode ser explorada, acompanhado de seu amigo passarinho, um galo da campina, sabe que pode lamentar-se e com ele se fazer um na dor da falta de liberdade. Assim é, quando canta as dores dos sertanejos seus irmãos, do retirante e daquele que vive numa dependência do

patrão e grande proprietário de terras. Sente todo o drama do nordestino e o defende.

EU E MEU CAMPINA

Assaré, terra querida,
Nestes versos que componho
Te digo que em minha vida
Tu és o meu grande sonho,
Desde o vale até o monte
És milagrosa fonte
Das minhas inspirações,

[...]

Eu nasci ouvindo os cantos
Das aves de minha terra
E vendo os lindos encantos
Que a mata bonita encerra,
Foi ali que eu fui crescendo,
Fui lendo e aprendendo
No livro da Natureza
Onde Deus é mais visível,
O coração mais sensível
E a vida tem mais pureza.

Sem poder fazer escolhas
De livro artificial,
Estudei nas lindas folhas
Do meu livro natural
E assim longe da cidade
Lendo nesta faculdade
Que tem todos os sinais,
Com estes estudos meus
Aprendi amar a Deus
Na vida dos animais.

Quando canta o sabiá
Sem nunca ter tido estudo,
Eu vejo que Deus está,
Por dentro daquilo tudo,
Aquele pássaro amado
No seu gorjeio sagrado
Nunca uma nota falhou,
Na sua canção amena
Só diz o que Deus ordena
Só canta o que Deus mandou.

[...]

Vivendo naquele meio
 Sentindo prazer infundo
 De doces venturascheio
 Parecia estar ouvindo
 Naquele quadro silvestre
 A voz do Divino Mestre
 Falando dentro de mim:
 - Não lamentos a pobreza,
 Pois tu tens grande riqueza,
 Felicidade é assim.

[...]

Canta campina, o teu canto
 Faz diminuir meu tédio
 Para aplacar o meu pranto
 A tua voz é o remédio,
 Neste nosso esconderijo
 És o único regozijo
 Para os tristes dias meus,
 Tu és meu anjo divino
 E este teu canto é um hino
 Louvando o poder de Deus.

[...]

Eu te conduzi do mato
 Com desvelo e com carinho
 Porque neste mundo ingrato
 Ninguém quer viver sozinho,
 Se a mesma sorte tivemos
 Juntinhos nós viveremos
 Por ordem do Criador,
 Neste sombrio recanto
 Tu, consolando meu pranto
 E eu cantando a tua dor.

Patativa é considerado um bravo resistente ao fazer poesia usando a língua do pobre, do nordestino sertanejo. Isso não abala a qualidade de seus versos, os quais apresenta com rima e métrica diversificada. Não atende aos requisitos da “alta cultura” e nem aos quantos dizem que sua poesia é popular num tom de desmerecimento e descaso. Faz disso seu próprio “modo de ser”. Assim faz-se mais real e mais humano ainda. É parceiro, companheiro dos milhares de sofredores e semialfabetiza-

dos, é a voz deles que quer fazer ouvir, é poeta por sua capacidade de escutar o que está no Silêncio eloquente do Mistério encarnado no sertão cearense:

A poesia não é mera informação estética, mas é performática na vida do poeta, proveniente não de uma “produção”, mas sim de um acontecimento ao qual ele é convidado a reagir ao que lhe é destinado, em que o ser surge instaurado por uma decisão diante de seu destino. E essa decisão emerge de uma escuta do ser, em que o poeta tem o poder de captar por se colocar na fenda da abertura do ser. Seu sofrimento é consequência da sensibilidade atenta, e, ao mesmo tempo, a escuta é que permite suportar o sofrimento. Aliás, é da qualidade da escuta que emerge a qualidade da palavra, como testemunha da decisão, pois na verdade é a escuta que poetiza (VILLAS BOAS, 2011: 64-65).

3. Da teodiceia nordestina à teopatodiceia patativiana

Diferente da teodiceia apregoada pelo do Pe. Gabriel Malagrida (1689-1761), alvo da crítica de Voltaire, na qual face a tragédia e a experiência do mal como “efeito de leis eternas”, sustentados por uma hermenêutica dogmatista que promovia “a divisão, o ódio, a atrocidade [...] às cidades, às famílias”, e a percepção de que está “tudo bem”, a atitude de escuta do poeta que se debruça sobre a realidade de modo atento para conhecer a dor de seu povo e se fazer irmão de caminhada, é fruto de uma percepção teológica que parte da sensibilidade de quem sofre por uma revelação que se desvela dessa práxis percebida por um Deus que se pode imaginar como empático ao sofrimento do outro (VILLAS BOAS, 2016a: 56-65). Tal identificação empática que se transignifica em disposição ética por quem sofre a injustiça

acontece pelo seu “grau de verdade”, como “em que medida reconhecemos nela alguma coisa, nos conhecemos e nos reconhecemos nela”, ao oferecer um “novo juízo” que “funde e educa novas sensibilidades”, bem como “responde as expectativas”, “abre novas questões para ulteriores respostas”, em um prazeroso desvela-

mento de possibilidades, juntamente com a possibilidade da “frustração de expectativas”, permitindo entrar “verdadeiramente em contato” com a “realidade”, funcionando como “sentido criador da experiência negativa à práxis da vida”, conduzindo a “renovar” a “percepção das coisas” (VILLAS BOAS, 2017: 113)

Sua poética ao invés de se resignar diante da realidade com um justificativa divina, quer dar sua voz ao sofrimento do povo e com sua imaginação poética criativa, construir possibilidades de imaginar um outro sertão possível, no qual faz aparecer uma realidade que incomoda, que não está desejada pelo Pai, terra de todos e que deveria ser para todos. Clamar é esperar ser ouvido, visto, compreendido. É por na própria voz a força do direito e da justiça que lhes são negados, e assim, denuncia a falácia da teodiceia: “Julgando que Deus é um pai vingativo, não vêes o motivo da tua opressão. (...) Caboclo não guarda contigo esta crença, a tua sentença não parte do céu” (Caboclo Roceiro).

Patativa apresenta uma “boa nova” em seus versos que se pode encontrar e reconhecer a presença de Deus na vida dos homens. Não que eles tragam um patrimônio de doutrinas, ritos e normas já completos, mas ajudam a reconhecer o “Verbo” de Deus, sua mensagem, sua vontade e seu amor e tudo isso proclamado com a linguagem do homem do sertão.

CABOCLO ROCEIRO

Caboclo Roceiro, das plagas do Norte
Que vive sem sorte, sem terra e sem lar,
A tua desdita é tristonho que canto,
Se escuto o teu pranto me ponhoa chorar

Ninguém te oferece um feliz lenitivo
És rude e cativo, não tens liberdade.
A roça é teu mundo e também tua escola.
Teu braço é a mola que move a cidade
De noite tu vives na tua palhoça
De dia na roça de enxada na mão

Julgando que Deus é um pai vingativo,
Não vês o motivo da tua opressão.

Tu pensas, amigo, que a vida que levas
De dores e trevas debaixo da cruz
E as crises constantes, quais sinas e espadas
São penas mandadas por nosso Jesus

Tu és nesta vida o fiel penitente
Um pobre inocente no banco do réu.
Caboclo não guarda contigo esta crença
A tua sentença não parte do céu.

O Mestre Divino que é sábio profundo
Não faz neste mundo teu fardo infeliz
As tuas desgraças com tua desordem
Não nascem das ordens do eterno juiz

A lua se apaga sem ter empecilho,
O sol do seu brilho jamais te negou
Porém os ingratos, com ódio e com guerra,
Tomaram-te a terra que Deus te entregou

De noite tu vives na tua palhoça
De dia na roça, de enxada na mão
Caboclo roceiro, sem lar, sem abrigo,
Tu és meu amigo, tu és meu irmão.

Na teopoética patativiana se encontram “temas teológicos nordestinos” que têm sua gênese no catolicismo, porém abordadas com um novo olhar, que o poeta dá a eles significações particulares e muito apropriadas, mesmo sem uma, dita necessária, erudição

[...] ao longo da produção literária de Patativa do Assaré, encontramos questões existenciais provocadoras de diversas aflições percebidas no cotidiano do povo sertanejo, as quais nos remetem a questionamentos e temas de cunho teológico, notados através da obra de um poeta, reveladora não somente da dura realidade do nordestino, mas também da fé e esperança deste em um Deus, visto ao longo da poética de Patativa do Assaré não como fonte de castigo, mas percebido como um Deus sensível aos sofrimentos, mazelas e marginalização dos nordestinos desamparados. Assim acreditamos na proposta de estudar a poética patativiana sob a perspectiva de “um olhar teológico”, a partir do qual se percebe “temas teológicos nordestinos”, elaborados a

partir do contato do poeta com o catolicismo do sertão, mas que, na percepção e compreensão de mundo de Patativa assumem novos significados e novas interpretações (NUNES, 2008: 6).

Patativa não reforça as formas de teodiceia fomentadas pela segunda escolástica e retroalimentadas em diversas devoções que levam a lamentar a dor sertaneja e a “Em tudo o camponês vê/O dedo da Providença” que com a morte da “muié” reza “Foi Deus que ditriminou!”, sem perceber que foi por “fartá um dotô”. O Poeta do Assaré proclama a “Vida Sertaneja” (1964), a partir do Verbo presente no Sertão cearense. O olhar do poeta é crítico e esclarecedor. Apresenta as diversas personagens do mundo nordestino com suas agruras, crenças e esperanças. Falando na primeira pessoa o poeta deixa perceber um comprometimento existencial e crítico, sempre valorizando o ser humano e apontando a falta no cumprimento de seus direitos e no desrespeito a sua dignidade. Ele se faz um com este e lhe empresta sua voz e criatividade: “Só sei cantá minhas mágua e as mágua de meus irmão”.

Seus recursos e imagens poéticas, além de apresentar alta dramaticidade, estão sempre oferecendo ao leitor uma denúncia social e uma reflexão crítica emoldurada pelos conceitos cristãos católicos presentes na organização do povo mais humilde do sertão. Este é o seu “lugar teológico”, daí aponta o enorme abismo que existe entre os grandes proprietários das terras e seus “moradores”, os peões, os trabalhadores sem direitos. Afirma que essa demanda não pode ser entendida com conformismo, nem aceita que seja Deus o mandante dessa sina. Seus poemas nos mostram que tinha um olhar apurado para essas questões. Eram experiências individuais, mesmo no seio de uma coletividade muito humilde, é capaz de levantar aspectos críticos, sociais e teológicos, de profunda densidade. Manifesta um olhar apurado e diferenciado para com o seu ambiente, sua memória individual destaca e se sensibiliza

com seus pares que, ao mesmo tempo, são o tema e objetivo de sua obra.

VIDA SERTANEJA

Sou matuto sertanejo,
Daquele matuto pobre
Que não tem gado nem quêjo,
Nem ôro, prata, nem cobre.
Sou sertanejo rocêro,
Eu trabaio o dia intêro,
Que seja inverno ou verão.
Minhas mão é calejada,
Minha péia é bronzuada
Da quintura do sertão.
Por força da natureza,
Sou poeta nordestino,
Porém só canto a pobreza
Do meu mundo pequenino.
Eu não sei cantá as gulora,
Também não canto as vitora
Dos herói com seus brasão,
Nem o má com suas água...
Só sei cantá minhas mágua
E as mágua de meus irmão.

Canto a vida desta gente
Que trabaia inté morrê
Sirrindo, alegre e contente,
Sem dá fé do padecê,
Desta gente sem leitura,
Que, mesmo na desventura,
Se sente alegre e feliz,
Sem nada sabê na terra,
Sem sabê se existe guerra
De país cronta país.

Eu canto o forte cabôco,
De gibão e chapéu de côro,
Que, com corage de lôco,
Infrenta a raiva do tório
Com um agudo ferrão.
E das noite de São João
Eu canto as bela foguêra
Com seu fogo milagroso,
Segredo misterioso
Das moça casamentêra.

Eu canto o sertão querido,
A fonte dos meus poema,
Onde se iscuta o tinido
Do grito da sariema
E onde o sertanejo véio
Observa os Evangéio
E nas noite de luá,
Sirrindo, alegre e ditoso,
Conta istora de Trancoso
Para o seu neto iscutá.

Sou sertanejo e me gabo
De já tê visto o vaquêro,
Atrás do novio brabo
Atravessá o tabulêro.
Amo a vida camponesa,
Nunca invejei a beleza
E a fantasia da praça.
Eu sou irmão do cabôco,
Que ri, que zomba e faz pôco
Da sua própia desgraça.

Cabôco que não cubiça
Riqueza nem posição
E nem aceita a maliça
Morá no seu coração.
Cabôco que, nesta vida,
Além da sua comida,
O que mais estima e qué,
É a paz, a honra e o brio,
O carinho de seus fio
E a bondade da muié.

O que mais preza e percura
O matuto camponês
É não quebrá sua jura,
Que, no casamento, fez.
Sem enfado e sem preguiça,
Quando vai uvi a missa,
De paz, amô e alegria,
Leva o seu coração cheio,
Prumode uvi os consêio
Do padre da freguezia.

E assim, na sua peleja,
Com a famia que tem,
Não inveja nem deseja
O gozo de seu ninguém.
Mas, por infelicidade,

Cronta seu gosto e vontade,
Munta vez, o pobre vê
A muié morrê de parto,
Gemendo dentro de um quarto,
Sem ninguém lhe socorrê.

Morre aquela criatura,
Depois, a pobre coitada,
No rumo da sepultura,
Vai numa rêde imbruiada.
Um adjunto de gente,
Uns atrás, ôtros na frente,
Num apressado rojão,
Quando um sorta, o ôtro pega:
É assim que se carrega
Morto pobre, no sertão.

Fica, o viúvo, coitado!
De arma triste e dilurida,
Para sempre separado
Do mió de sua vida,
Mas, porém, não percebeu
Que a sua muié morreu,
Só por fartá um dotô.
E, como nada conhece,
Diz, rezando a sua prece:
Foi Deus que ditriminou!

Pensando assim desta forma,
Resignado, padece;
Paciente, se conforma
Com as coisa que acontece.
Coitado! Ignora tudo,
Pois ele não tem estudo,
Também não tem assistência.
E por nada conhecê
Em tudo o camponês vê
O dedo da Providença.
Só a coisa que o matuto
Conhece, repara e vê
É tê que pagá tributo
Sem ninguém lhe socorrê,
É derramá seu suó,
Com paciência de Jó,
Mode botá seu roçado,
Esperto, forte e disposto
E tê que pagá imposto
Sem ninguém tê lhe ajudado.

Às vez, alegre e contente,
Quanto é tempo de fartura,
Ele diz pra sua gente:
Nossa safra tá segura!
Mas, de repente, intristece,
Pruquê magina e conhece
Que os home de posição
Só óia para o seu rosto
Pra ele pagá imposto
Ou votá nas inleição.

Quando aparece um sujeito,
De gravata e palitó,
Todo alegre e sastifeito,
Como quem caça xodó,
O matuto experiente
Repara pra sua gente
E, sem tê medo de errá,
Diz, com um certo desgosto:
Ou pedi pra nós votá.

Há ainda uma poética escatológica latino americana no poema “O Inferno, o Purgatório e o Paraíso” (1976), no qual o poeta aborda elementos da escatologia cristã católica, e os ressignifica. Aí eles não são apresentados como locais aonde a “justiça divina” se fará (ainda não) e sim, como uma crítica a ordem social e suas desigualdades, onde “já” precisa ser realizada:

Pela estrada da vida nós seguimos,
cada qual procurando melhorar
Tudo aquilo que vemos e ouvimos,
desejamos, na mente, interpretar,
Pois nós todos na terra possuímos
O sagrado direito de pensar,
Neste mundo de Deus, olho e diviso
O Purgatório, o Inferno e o Paraíso.

Este Inferno, que temos bem visível
E repleto de cenas de tortura,
Onde nota-se o drama triste e horrível
De lamentos e gritos de loucura
E onde muitos estão no mesmo nível
De indignância, desgraça e desventura,
É onde vive sofrendo a classe pobre
Sem conforto, sem pão, sem lar, sem cobre.

É o abismo do povo sofredor,
Onde nunca tem certo o dormitório,
É sujeito e explorado com rigor
Pela feia trapaça do finório
É o Inferno, em plano inferior.

Conclusão

A poética patativana deixa claro que os nexos causais que patrocina a miséria e a desgraça naquela região onde vive e tão bem conhece, não se limitam às dificuldades climáticas, sempre tão utilizadas para exprimir o motivo da grande tragédia social do chamado “polígono da seca”. São tão responsáveis, ou até mais: o latifundiário, as mazelas dos governos nas diversas instâncias e a proposta ilusória da riqueza do sudeste, que se apresenta como miragem para solucionar todo problema presente na vida do pobre nordestino.

Patativa demonstra a sabedoria do simples, aquela com a qual os pequenos foram agraciados pelo próprio Deus, aberta ao outro com generosidade e consciência. Ele, com maestria, interpretou o discurso do sujeito cultural nas suas mais diversas formas de se relacionar com o cotidiano. Seus poemas são construídos de realidade e, portanto, da cultura rural sertaneja que é o “seu mundo”. Seu lugar é visto e anunciado de dentro. Apresentado com as cores da palheta do homem rude e sensível concomitantemente.

Ademais, sua poética consegue ultrapassar o processo de repetição muito presente na oralidade, que repete temas da seca, da pobreza, da fome e miséria, muito constantemente. Ele coloca seu leitor frente a um diálogo que o interpela. O poeta pensa, reflete e expõe seu fazer com ferramentas que lhe estão muito disponíveis: a imaginação, a linguagem cabocla e a escrita do homem simples. Interpreta os fatos, a natureza e cria as personagens percebendo uma existência maior em tudo isso. Não há dúvidas que seu objetivo, como projeto pessoal, é favorecer o diálogo com seus irmãos, os seus “iguais”. Quer que seu discurso seja

ouvido e entendido, quer causar transformações e isso só pode fazê-lo se seu receptor, gente humilde do sertão nordestino, alcançar o seu cantar, que é como um gavião ou um mangangá roncador, ameaça com seu ferrão, que não é outra coisa senão sua habilidade de demonstrar, em versos, sua revolta contra as situações de injustiça e seu olhar agudo e focado nas dores de seu povo sofrido

Quem leu meu livro *Inspiração Nordestina* já está ciente de que eu nada estudei, fiz apenas o segundo ano primário sem ponto de Português, lendo Felisberto de Carvalho. Por esta causa, acho que ninguém tem razão de censurar a falta de Gramática encontrada em meus versos. O que eu posso dizer e provar é que mesmo vivendo aqui, neste esconderijo, com o atarefamento de agricultor pobre, consegui, e com a maior facilidade, aprender a medida da metrificação, desde a redondilha ao verso alexandrino com as suas tônicas necessárias. Cantei ao som da viola, mas nunca andei vagando à procura de fazer cantoria. Cantava atendendo um convite especial. Eu faço verso desde a idade de 12 anos, mas nunca quis fazer profissão de minha lira. A poesia foi sempre e ainda está sendo a maior distração de minha vida. O meu fraco é fazer verso e recitar para os admiradores, porém nunca escrevo os meus versos, eu os componho na roça, ao manejar a ferramenta agrícola e os guardo na memória, por mais extenso que seja o poema. Completei 61 anos de idade no dia 5 de março do ano presente (1970) e sinto ainda a mesma paixão pela poesia (PATATIVA apud FIGUEIREDO FILHO, 1970: 13-14)

Deste modo, pode-se identificar no poeta de Assaré, sem se deixar desanimar pela situação de vida de pobre, no sertão mais pobre ainda, conseguiu perceber o dom de pensar poeticamente, enfrentando a realidade das amarguras que o feria na carne, apaixonado pelo seu espaço e os ocupantes deste, soube buscar a “excelência” naquilo que a ele se revelava.

O pensamento poético é apaixonado, pensa a partir daquilo que o afeta essencial e profundamente. O logos poético não é arredo à paixão tal qual a razão clássica aristotélica, mas exatamente, por meio do phatos é que

o logos penetra na realidade humana, revelando algo de si mesmo através do espelho do outro, dando-lhe a percepção, seja do que é mais humano, seja do que lhe é sentido como desumano. Portanto, uma poética de sentido orienta o ser humano em seu devir à procura da excelência (VILLAS BOAS, 2011: 208).

Assim, esse “entusiasmo diante da beleza já é uma consequência da presença do dom poético”, que desde menino Patativa sentiu-se tocado, afetado, em resposta à contemplação da natureza, manifestando ao mesmo tempo tristeza e alegria nessa percepção. E toda sua sensibilidade brota de uma resposta positiva ao dom recebido, descoberto e vivenciado (ANDRADE, 2002: 33). A poesia de Patativa do Assaré consegue, com imagens, ritmo e “sonoridade”, prestar um serviço a favor da dignidade do oprimido. Com seus poemas, ele luta ao lado dos pobres mais pobres e os faz sentirem-se mais humanos. Sua poética permite o despertar de uma força, muitas vezes desconhecida, no homem sertanejo consumido por tantas aflições, expressão poética da presença do Verbo que se fez sertanejo. Usa da sua linguagem e trazendo imagens que o sertanejo conhece e entende, com isso faz crescer no coração deste a consciência de que é necessário mudar essa situação degradante. A religiosidade popular, confusa e ao mesmo tempo rica em densidade teológica, demonstra essa característica com mais empenho e naturalidade do que a forma romanizada da Igreja Católica. Mesmo que em seus documentos magisteriais ela teorize sobre a necessidade do envolvimento em causas sociais, na prática isso se mostra mais presente na vida e nas celebrações do povo pobre e, no caso do nosso país, das periferias, do norte e nordeste abandonados.

A teologia nascida da religiosidade popular, como a que aparece na obra de Patativa, dispensa a mediação de “especialistas” eclesiais autorizados pelas instituições para a sancionarem, nem para validarem o pensamento e as práticas de suas crenças. O poeta manifesta um pensamento que amplia o ensinamento oficial da Igreja do seu tempo. Adianta-se às questões abordadas pela Teologia da Libertação e de-

safia o seu leitor a compartilhar sua visão de mundo, exigindo do leitor uma reflexão e um posicionamento que envolve a fé em uma “lógica’ poética e, muitas vezes numa imagística religiosa afrontar a lógica de dominação e da desigualdade e contestar o estado de sujeição a que se acha constrangido” (ANDRADE, 2004: 198). Patativa desenvolve uma verdadeira poética de vanguarda quanto às urgências sociais, aspecto já antes sentido pelos movimentos das classes camponesas em suas reivindicações contra os latifúndios e os latifundiários. A obra patativana traz em si muitos elementos que só foram abordados pela sociologia e mais especificamente na Igreja Católica da América Latina pela Teologia da Libertação anos depois. Partilhando a dor dos seus, e assim, sendo formador de consciência, fazendo versos cômicos ou de denúncia da grave carência com a qual a sociedade convive, Patativa traz, mesmo na linguagem matuta com a qual se apresenta, a sabedoria dos filósofos e doutores da teologia contemporânea. Faz de sua poesia um caminho para construir-se e construir o mundo como imagem daquilo que Deus quis. Em sua poesia buscou e apresenta um sentido para o seu existir:

A pergunta pelo sentido, portanto, não é uma pergunta que o ser humano se faz, mas sim que a vida faz ao ser humano, como sinal de que as coisas mudaram e/ou precisam mudar. Ao humano compete a resposta diante dessa dinâmica existencial de ordem/desordem, conhecimento/ desconhecimento, caos/ cosmos vivenciados na angústia de sua existência, ponto de partida para pensar o sentido de Deus, não mais como ordenador da desordem em função da ordem, mas como presença que desvela a desordem camuflada sob a ilusão de sentido por provocar a um sentido mais autêntico. A ordem metafísica se desdobra na manifestação de sentido (VILLAS BOAS, 2016a: 88).

Com efeito, a dimensão de vanguarda de Patativa ainda ecoa como imagem parabólica que reflete a consciência de ecologia integral anos antes de épocas de *Laudato si'*, no qual os dramas sociais são interligados aos problemas da casa comum, como elemento hipodigmático para

o diálogo ético intercultural:

A TERRA É NATURÁ

Se um pai de fãmia honrado
Morre, deixando a fãmia,
Os seus fiinho adorado
Por dono da moradia
E aquêles irmão mais veio,
Sem pensá nos Evangéio,
Contra os novo a toda hora
Lança da inveja o veneno
Até botá os mais pequeno
Daquela casa pra fora.

Disso tudo o resurtado
Seu doto sabe a verdade,
Pois logo os prejudicado
Recorre às oturidader
E no chafurdo infeliz
Depressa vai o juiz
Fazê a paz dos irmão
E se ele fô justicero,
Parte a casa do herdêro
Pra cada quá seu quinhão,

Seu doto, que estudou munto
E tem boa indução,
Não ingnore este assunto
Da minha comparação,
Pois esse pai de fãmia
É o Deus de Soberania,
Pai do sinhô e pai meu,
Que tudo cria e sustenta,
E esta casa representa
A terra que êle nos deu.

O pai de fãmia honrado,
A quem to me referindo,
É Deus Nosso Pai Amado,
Que lá do céu tá me uvindo,
O Deus justo não erra
E que pra nós fez a terra,
Êste praneta comum,
Pois a terra, com certeza,
É obra da Natureza
Que pertence a cada um.

Referência bibliográfica

- ANDRADE, Cláudio Henrique Sales. Patativa do Assaré: As Razões da Emoção. Capítulos de Uma Poética Sertaneja. Editora Universidade Federal do Ceará—UFC: Fortaleza, 2004.
- CARVALHO, Gilmar de. (Org). Antologia Poética. Edições Demócrito Rocha: Fortaleza, 2010.
- CARVALHO, Gilmar de. Patativa - Poeta Pássaro do Assaré. Omni Editora Associados Ltda: Ceará, 2002.
- FIGUEIREDO FILHO, J. Patativa do Assaré. Editora da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 1970.
- Gaudium Et Spes Constituição Pastoral sobre a Igreja No Mundo de Hoje – Documentos Do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) – Paulus: São Paulo, 1997.
- MANZATTO, A. Literatura e Teologia da Libertação. Teoliterária, v. 2, n.4, 2012, p. 73-86. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/22902>>.
- MANZATTO, A.; TAVARES, E. S. A opção pelos pobres na poesia de Patativa do Assaré. Teoliterária, v.4, n. 8, 2014, p. 239-246.
- Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/22741>>.
- MANZATTO, Antonio. Teologia e Literatura – Reflexão Teológica a partir da Antropologia contida nos romances de Jorge Amado. São Paulo: Editora Loyola, 1994.
- MENDONÇA, J. T. A Leitura Infinita – A Bíblia e sua Interpretação. Recife: UNICAP/ São Paulo: Paulinas, 2015.
- NUNES, Ozeas da Silva. Inspiração Nordestina: Uma Leitura Teológica na Poética de Patativa do Assaré na Ponte do Diálogo entre Teologia e Literatura. Dissertação de Mestrado no Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2008.
- PASTOR, Félix Alexandre. Semântica do Mistério: A Linguagem Teológica da Ortodoxia Trinitária. São Paulo: Edições Loyola/ Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 1982.
- PATATIVA DO ASSARÉ. Balceiro – Patativa e outros poetas de Assaré (Organização Geraldo Gonçalves de Alencar). Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1991.
- PATATIVA DO ASSARÉ. Ispinho e Fulô. (Organização Antônio Gonçalves da Silva). Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1990.

- UFC – Universidade Federal do Ceará – Títulos e Honrarias atribuídos pela UFC. Disponível em: < <http://www.ufc.br/memoria-da-ufc/titulos-e-honrarias-atribuidos-pela-ufc/1858-doutor-honoris-causa>>.
- VILLAS BOAS, A. Misericórdia e Alteridade na perspectiva teológica do Papa Francisco. Tese de Livre Docência em Ética e Linguagem Teológica (233fls). Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC SP), 2017.
- VILLAS BOAS, A. Teologia em diálogo com a Literatura: origem e tarefa poética da teologia. São Paulo: Paulus, 2016a.
- VILLAS BOAS, A. Francisco e a Teologia da Cultura. *Pístis & Práxis*, v. 8, n.3, 2016b, p. 761-788. Disponível em: < <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pistis?dd1=16446&dd99=view&dd98=pb>>.
- VILLAS BOAS, A; GRENZER, M. A resistência das parteiras (Ex 1,15-22): especificidades de uma teologia literário-narrativa. *Estudos de Religião*, v. 29, n.1, 2015, p. 129-152. Disponível em:
- < <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view-file/5123/4839>>.
- VILLAS BOAS, Alex. A Questão de Deus entre a Filosofia e a Teologia Contemporânea. In: *Deus entre a Filosofia e a Teologia Contemporânea*. Editora Aprris: Curitiba, 2014.
- VILLAS BOAS, A. Teologia e Poesia. A busca de sentido em meio às paixões em Carlos Drummond de Andrade como possibilidade de um pensamento poético teológico. Create Editora: Sorocaba, 2011.